

Chão do Mosteiro esconde relíquias históricas

Escavações têm revelado vestígios sobre a existência de uma senzala e cemitério de escravos no local

MARCO AURÉLIO MARTINS

ANA PAULA SENNA

Ainda há muita história enterrada sob o solo do Mosteiro de São Bento da Bahia. Vestígios e objetos remanescentes de uma antiga senzala, um cemitério de escravos e as fundações da Capela de Santo Antônio, onde os negros trabalhadores do Mosteiro celebravam o culto católico, estão enterrados sob a área do atual campo de esportes do Colégio São Bento, apesar de não se conhecer ainda a localização exata da Capela. A existência do cemitério é confirmada pelos registros do Mosteiro, que referem-se à construção de um piso, por volta de 1700, sobre os enterramentos de negros. O início das escavações está previsto para janeiro do próximo ano, pois as pesquisas no claustro, onde foi encontrado o esqueleto batizado de Daniel, têm prazo definido para terminar, por se tratar de um local reservado para os monges.

Segundo Dom Gregório Paixão, administrador do Mosteiro, a descoberta de esqueletos e objetos escravos tem uma importância especial, possibilitando a reconstrução da história negra dentro da Ordem. Os negros viviam dentro do Mosteiro, eram catequizados pelos monges e tinham sua própria capela, destruída depois da libertação dos escravos da Ordem em todo o Brasil, 20 anos antes da aboli-

ção da escravatura. A arqueóloga Leila Almeida, uma das responsáveis pela condução das pesquisas, explica que através de esqueletos e outros objetos pode-se estudar como os escravos se alimentavam e se vestiam, desvendando ainda os rituais de enterramento dos corpos.

As pesquisas no Mosteiro de São Bento, conduzidas pelas arqueólogas Leila Almeida e Leila Bittar, do Centro de Estudos da Arquitetura da Bahia (Ceab), da Faculdade de Arquitetura, começaram em janeiro deste ano. O Mosteiro nunca havia passado por uma investigação deste tipo, e dois primeiros meses foram dedicados ao levantamento histórico da área. As escavações começaram em março.

Os objetos e ossos encontrados durante as pesquisas estão sendo guardados numa sala do Mosteiro, e existem alguns objetos curiosos como patas de pequenos animais em perfeito estado. Espalhados sobre mesas ou acondicionados em caixas e sacos, pedaços de ossos, peças de louça e outros objetos vão revelando um pouco da história do primeiro mosteiro beneditino fora da Europa. A porcelana, em grande parte de origem inglesa, portuguesa e chinesa, já mostra um pouco das relações comerciais do Mosteiro.



Objetos encontrados pelos pesquisadores no solo do Mosteiro de São Bento têm sido catalogados e guardados

MUNICIPAIS

Legistas querem estudar o esqueleto

O final do convênio entre a Universidade Federal da Bahia e a Ordem Beneditina, que está possibilitando as pesquisas, está previsto para abril do próximo ano mas, a depender do que seja ainda descoberto, pode continuar por mais tempo, explicou Dom Gregório. Esta semana, por exemplo, foi descoberta a imagem de um Cristo Crucificado do século XVIII, enterrado há mais de 200 anos.

Por enquanto, a curiosidade maior ainda gira em torno do esqueleto encontrado no claustro do Mosteiro. Os médicos legistas Luís Carlos Cavalcanti e Lamartine Andrade, ambos peritos em medicina legal e um deles desenvolvendo uma tese sobre recomposição de

crânio, já se ofereceram para ajudar no estudo do esqueleto, assim como na identificação de sua etnia. A suspeita é que se trate de um soldado holandês, morto durante o período de ocupação do mosteiro pelas tropas holandesas, entre 1624 e 1625. A idade do esqueleto, no entanto, só poderá ser identificada depois do teste do carbono 14, que será feito na Universidade de Campinas. "Poderemos reconstruir a história holandesa na Bahia, que foi curta, mas rica", fala esperançoso Dom Gregório. A arqueóloga Leila Almeida também está animada com o trabalho no Mosteiro, e confessa que está longe de ficar "satisfeita".

Delegado suspeita que frei seja um nazista foragido

O frei alemão Arnold Stock deverá se apresentar às 17h de hoje na 8ª Delegacia, em Simões Filho, para prestar declarações sobre as denúncias de abuso sexual contra quatro meninas. Apesar do frei não ter comparecido por quatro vezes para prestar declarações, o advogado João Melo Cruz entrou com petição no Ministério Público para que este fosse ouvido antes do inquérito ser entregue à Promotoria de Justiça, fato previsto para acontecer ontem à tarde. O advogado alegou que o delegado Nilton Ferreira, titular da 8ª delegacia, estaria fazendo uma 'manobra' para que fosse liberada a prisão preventiva do frei Arnold Stock. O inquérito deverá ser revisto e entregue à Justiça na próxima segunda-feira.

Fatos novos haviam confirmado a conclusão das investigações pela incriminação do frei. Este foi o motivo que atrasou, pela segunda vez, em dois dias, a entrega do inquérito. Anteontem à tarde, o padre Piazza, coordenador da Organização do Auxílio Fraternal (OAF), reuniu-se com a juíza Soraia Moradilo e a promotora Silvana Almeida de Oliveira. Sem querer falar sobre o assunto, Piazza disse apenas que fora desmentir informação de que a entidade havia concluído as investigações internas, que teriam constado culpa do frei.

O delegado Nilton Ferreira levantou a suspeita do frei, que mora há 26 anos no Brasil, ser um nazista foragido. Para confirmar tal hipótese ele pretende conseguir informações na Embaixada de Israel, que tem uma lista com todos os nazistas procurados no mundo. Alguns funcionários da Prefeitura não acreditam numa paralisação mais rigorosa por causa da relação existente entre o frei e o prefeito Eduardo Alencar que não foi encontrado em seu gabinete.

Jornal: Bahia Hoje

Data: 10/11/94

Caderno: 1

Página: 3